

Autorrastreamento e plataformização: significados atribuídos por acadêmicos de Educação Física

RESUMO

Este artigo problematiza o autorrastreamento digital de exercícios físicos (ADEF) em plataformas, explorando os significados atribuídos a ele por acadêmicos de Educação Física em formação inicial (AEFFI). Participaram um professor e 26 AEFFI, que utilizaram o aplicativo *Strava* em uma sequência didática. Os dados, produzidos via questionários *on-line*, foram analisados no ATLAS.ti a partir da Abordagem Indutiva Geral, resultando em três categorias: “prática de autorrastreamento”, “formação” e “atuação” profissionais. Os significados identificados associaram o ADEF a monitoramento corporal, motivação, autogerenciamento da saúde, desconforto emocional, performance, exclusão digital, privacidade, objeto de conhecimento, incorporação pedagógica, pesquisa, avaliação adaptativa, supervisão remota, (bio)repositório, recurso de trabalho, tema para aulas e dependência digital. Conclui-se que a integração do ADEF à Educação Física demanda abordagem crítica para não naturalizar desafios da plataformização, como dataficação e modulação comportamental. É essencial aprofundar estudos nessa área para evitar vieses e alinhar a formação às práticas digitais de forma consciente.

PALAVRAS-CHAVE: Monitoramento; Strava;
Plataformas digitais; Cultura digital; Educação
física

Marcio Roberto de Lima

Doutor em Educação
(Universidade Federal de Minas Gerais/UFGM)
Universidade Federal de São João del-Rei/UFSJ,
Departamento de Ciências da Educação (Deced),
São João del-Rei, MG, Brasil.

marcinholima@ufs.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-3790-1104>

Sheila Chagas Egg

Licencianda em Educação Física
Universidade Federal de São João del-Rei/UFSJ,
Curso de Licenciatura em Educação Física,
São João del-Rei, MG, Brasil.

sheila.chagas5@aluno.ufsj.edu.br
<https://orcid.org/0009-0004-9222-3195>

Self-Tracking and platformization: meanings attributed by Physical Education academics

ABSTRACT

This article examines digital self-tracking of physical exercise (DSTPE) on platforms, exploring the meanings attributed by Physical Education students in initial training (PEIT). A professor and 26 PEIT participants used Strava in a didactic sequence. Data, collected via online questionnaires, were analyzed in ATLAS.ti using the General Inductive Approach, resulting in three categories: 'self-tracking practice', 'professional training', and 'professional practice'. The identified meanings associated DSTPE with body monitoring, motivation, health self-management, emotional discomfort, physical performance, digital exclusion, privacy, knowledge object, pedagogical integration, research, adaptive assessment, remote supervision, (bio)repository, work tool, classroom topic, and digital dependency. The conclusion emphasizes that integrating DSTPE into Physical Education requires a critical approach to avoid normalizing platformization challenges, such as datafication and behavioral modulation. Further studies are essential to prevent biases and align training with digital practices in a conscious and informed manner.

KEYWORDS: Self-tracking; Strava; Digital platforms; Digital culture; Physical education

Autoseguimiento y plataformización: significados atribuidos por académicos de Educación Física

RESUMEN

Este artículo problematiza el autorrastreo digital de ejercicios físicos (ADEF) en plataformas, explorando los significados atribuidos por académicos de Educación Física en formación inicial (AEFFI). Participaron un profesor y 26 AEFFI, que utilizaron Strava en una secuencia didáctica. Los datos, producidos mediante cuestionarios en línea, se analizaron en ATLAS.ti a partir del Enfoque Inductivo General, resultando en tres categorías: 'práctica de autorrastreo', 'formación' y 'actuación' profesionales. Los significados identificados asociaron el ADEF al monitoreo corporal, la motivación, la autogestión de la salud, la incomodidad emocional, el rendimiento, la exclusión digital, la privacidad, el objeto de conocimiento, la incorporación pedagógica, la investigación, la evaluación adaptativa, la supervisión remota, el (bio)repositorio, el recurso de trabajo, el tema para clases y la dependencia digital. Se concluye que la integración del ADEF a la Educación Física demanda un enfoque crítico para no naturalizar los desafíos de la plataformización, como la datificación y la modulación conductual. Es esencial profundizar los estudios en esta área para evitar sesgos y alinear la formación a las prácticas digitales de forma consciente.

PALABRAS-CLAVE: Monitoreo; Strava; Plataformas digitales; Cultura digital; Educación física

INTRODUÇÃO

Em muitas infâncias, os famosos cadernos conhecidos como ‘diários’ estavam presentes, e neles buscava-se relatar o cotidiano, os sentimentos, os aspectos de saúde, as relações interpessoais, entre diversos outros aspectos porque cada escritor pudesse se interessar. No entanto, o princípio dos diários não diz respeito somente ao período da infância, pois esse hábito pode se estender ao longo de toda a vida. Há bastante tempo, os objetivos de registros pessoais foram incorporados e expandidos pelas funcionalidades das tecnologias digitais (TDs), a fim de fornecer apontamentos e monitoramento detalhados de si. Os dispositivos móveis (*smartphones*, por exemplo) e vestíveis (*smartwatches*, cintas de monitoramento etc.) são alguns dos artefatos digitais que passaram a mediar cotidianamente a composição de registros digitais pessoais.

Dois conceitos importantes integram a temática desta investigação: o “autorastreamento” (*self-tracking*) e a plataformaização. Por autorastreamento compreendem-se as ações de “[...] monitorar e registrar regularmente, e muitas vezes medir, elementos de comportamentos individuais ou de funções corporais [...]”, o que configura “[...] práticas nas quais as pessoas coletam informações sobre si mesmas de forma consciente e proposital, as quais são analisadas e consideradas em suas condutas de vida” (Lupton, 2016b, p. 7, tradução nossa). Já a ‘plataformaização’ é um aspecto que integra a cultura contemporânea e contribui para a expansão do autorastreamento digital, uma vez que todas as interações que fazemos com as TDs produzem dados que são coletados, armazenados e tratados algorítmicamente por plataformas digitais (*Google*, Grupo *Meta*, *Apple*, *Amazon*, *Microsoft* etc.). Portanto, em consonância com Poell *et al.* (2020, p. 2), assume-se plataformaização como “a [...] penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais das plataformas digitais em diferentes setores econômicos e esferas da vida”.

Para compreender melhor a relação que se estabelece entre o autorastreamento e a cultura digital, Van Dijck (2014, p. 198) – com base nas indicações de Mayer-Schönberger e Cukier (2013) – chama a atenção para o conceito de “dataficação”, ou seja: a “transformação de ações sociais em dados quantificados *on-line*, permitindo o rastreamento em tempo real e a análise preditiva”. O que fica evidenciado é que a dataficação – enquanto um conjunto de métodos de captura e tratamento de dados – encapsula o objetivo de fazer o usuário gerador dos dados a fazer coisas, negando um falso caráter de neutralidade em sua operacionalização. Esse aspecto particular realça a performatividade algorítmica (Lemos, 2020) dos sistemas *on-line*, que visam – a partir de conhecimentos compilados

de nossos dados digitais – afetar nossas tomadas de decisões e, portanto, nos “fazer agir” em conformidade com os interesses de terceiros.

Nesse ponto, é importante destacar que as práticas de autorastreamento plataformizadas envolvem sujeitos (co)produtores de dados digitais (Lupton, 2016a). Esse encontro voluntário entre seres humanos e TDs acaba por revelar o *modus vivendi* contemporâneo, fato que implica uma densa formação de significados sobre os dados de nossas rotinas monitoradas, afetando comportamentos (Lima, 2023b).

Assim, a utilização de TDs para o autorastreamento corporal, mais especificamente em exercícios físicos, demanda melhor compreensão de sua imbricação com a área de Educação Física (EF). Por esse motivo, essa temática enredou esta pesquisa, a qual foi realizada com acadêmicos em formação inicial em EF na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) durante uma unidade curricular. Dessa maneira, visando discutir o autorastreamento e a plataformização sob um prisma cultural e pedagógico, o presente estudo assumiu como problema de pesquisa: Quais os significados são atribuídos por acadêmicos de Educação Física em formação inicial (AEFFI) ao processo de autorastreamento digital de exercícios físicos (ADEF) e aos dados gerados e compartilhados em plataformas *on-line*?

MATERIAL E MÉTODOS

A etapa empírica desta pesquisa ocorreu em parceria com um professor e 28 discentes de uma turma de primeiro período de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física na UFSJ. A presença dos pesquisadores, junto com o professor e seus alunos, foi devidamente autorizada pela coordenadoria daquele curso e atendeu às conformidades éticas, as quais foram apreciadas por um Comitê de Ética Institucional e aprovadas sob o parecer de número 6.410.07 (registro 45393621.3.0000.5151 na Plataforma Brasil).

Os AEFFI foram convidados a colaborar com a pesquisa a partir de uma adesão espontânea e esclarecida, sem qualquer prejuízo avaliativo associado à unidade curricular que acolheu o estudo. Portanto, não houve uma seleção direcionada dos colaboradores, bastando que estivessem devidamente matriculados na unidade curricular e manifestassem o desejo de participar da investigação.

Destaca-se que esta pesquisa foi guiada por orientações qualitativas (Yin, 2016) e, portanto, foi organizada a partir do contato direto dos pesquisadores com o grupo de colaboradores durante a

implementação de uma sequência didática¹ envolvendo práticas de ADEF. Essa abordagem foi adequada e favoreceu a observação, a interação e o acompanhamento de um intercurso pedagógico que objetivou construir experiências discentes de ADEF e produzir os dados empíricos desta investigação. Para melhor visualização, o Quadro 1 sintetiza a sequência didática empreendida com os colaboradores desta pesquisa e sua produção empírica associada.

Quadro 1 – Organização da sequência didática e de sua produção empírica associada

Aula	Programação	Produção empírica
1 ^a	- Apresentação da proposta de pesquisa para grupo de alunos; - Disponibilização de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos discentes; - Instalação do aplicativo <i>Strava</i> nos <i>smartphone</i> dos AEFFI; - Levantamento de perfil discente quanto a práticas de ADEF.	Resposta discente a questionário <i>on-line</i> em sala de aula
2 ^a	- Instrução de uso sobre o aplicativo <i>Strava</i> ; - Realização de práticas autorastreadas com <i>Strava</i> e dispositivos vestíveis.	Observação da experiência de ADEF, <i>Campus CTaN</i> da UFSJ
3 ^a	- Realização de práticas autorastreadas com <i>Strava</i> e dispositivos vestíveis.	Observação da experiência de ADEF, <i>Campus CTaN</i> da UFSJ
4/5 ^a	- Roda de conversa com professor e AEFFI; - Fechamento do estudo.	Resposta discente a questionário <i>on-line</i> , em sala de aula

Fonte: dados de pesquisa.

O Quadro 1 destaca que a sequência didática, inicialmente prevista para quatro encontros, iniciou-se com a apresentação da proposta de trabalho com ADEF aos AEFFI, em conjunto com o professor da unidade curricular “Mídias, educação e Educação Física”. No mesmo dia, foi disponibilizado o termo de consentimento livre e esclarecido da pesquisa para leitura e assinatura, instruiu-se a instalação do *Strava*² nos dispositivos móveis e realizou-se o primeiro questionário *on-line* para traçar o perfil dos AEFFI, etapa que obteve 26 contribuições.

O segundo encontro destinou-se às práticas de ADEF. Os discentes foram instruídos sobre o uso do *Strava* e realizaram atividades monitoradas pelo aplicativo nas dependências externas do *Campus CTaN* da UFSJ. Divididos em grupos, os AEFFI praticaram caminhada, corrida e exercícios resistidos (barra, prancha, arremesso de peso). Para maior imersão, o terceiro encontro dedicou-se a

¹ Compreende-se sequência didática como um conjunto organizado, estruturado e articulado de atividades que visam atingir determinados objetivos educacionais, possuindo um início e um término claramente definidos e conhecidos por professores e estudantes.

² O serviço *on-line* *Strava* (<https://www.strava.com>) agrupa dados de ADEF produzidos e coletados por *wearables* (*smartwatches*, *ciclocomputadores*) ou *smartphones*, oferecendo funcionalidades sociais para compartilhamento de rotas georreferenciadas e de treinos e para mediação de competições entre usuários com base nas informações publicadas.

outra sessão de autorastreamento com o *Strava*, dessa vez no ginásio do CTaN/UFSJ, com circuitos curtos de corrida e esportes (vôlei, basquete, handebol, futebol).

O quarto encontro previu uma roda de conversa conduzida pelo primeiro autor deste artigo, com os AEFFI e o professor, para tematizar conceitos como “autorastreamento digital” e “plataformização”, articulados à “dataficação” e à “performatividade algorítmica”. O propósito era fomentar reflexões críticas sobre o ADEF, embasando a etapa subsequente de produção de dados. Contudo, o encontro foi prejudicado por uma tempestade, o que impediu a presença de boa parte da turma. Diante disso, programou-se um quinto encontro, quando a roda de conversa foi finalmente realizada.

Após as etapas de experimentação com *Strava* e das rodas de conversa, procedeu-se ao fechamento/à avaliação dos encontros. Foi então solicitado aos AEFFI o preenchimento de um segundo questionário *on-line*, visando mapear seus significados sobre o processo de ADEF vivenciado. O questionário era composto por 20 questões fechadas (escala Likert) e três discursivas de livre preenchimento, as quais abordavam aspectos gerais e específicos do ADEF na Educação Física. Essa etapa obteve 21 contribuições. Registra-se que os pesquisadores acompanharam atentamente as experiências de autorastreamento, constatando o engajamento dos colaboradores. O *corpus* para a sistematização analítica foi formado pelas respostas discentes aos questionários.

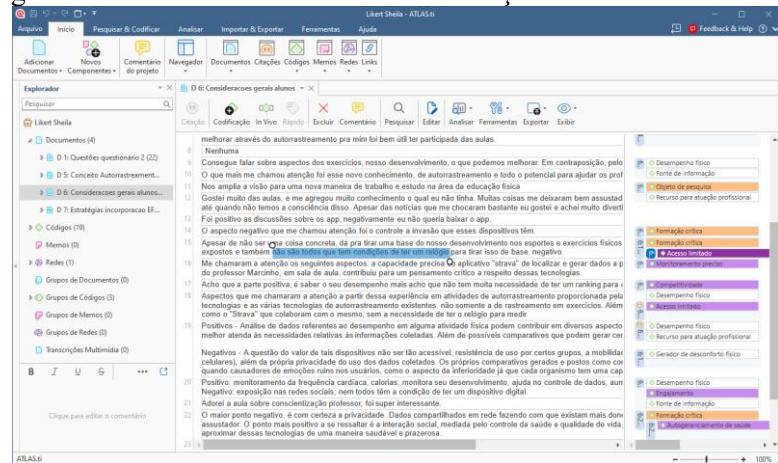
Para tratar e analisar os dados gerados pelo grupo, foi utilizado o *software* ATLAS.ti seguindo procedimentos da Abordagem Indutiva Geral. De acordo com Thomas (2006, p. 238, tradução nossa), a Abordagem Indutiva Geral (AIG) permite “[...] que os resultados da pesquisa emerjam a partir de temas frequentes” e/ou de padrões, sendo condensados e interpretados. Os resultados geram significados por meio de temas ou categorias condensadas dos dados gerais, sem definições *a priori*, tornando aparente os assuntos mais importantes de um *corpus*. Sinteticamente, a AIG objetiva:

1. condensar dados de texto bruto extensos e variados em um formato breve e resumido; 2. estabelecer ligações claras entre os objetivos da pesquisa e os resultados resumidos derivados dos dados brutos e garantir que essas ligações sejam tanto transparentes (passíveis de serem demonstradas a outros) quanto defensáveis (justificáveis dados os objetivos da pesquisa); e 3. [...] desenvolver um modelo ou teoria sobre a estrutura subjacente das experiências ou processos que são evidentes nos dados do texto (Thomas, 2006, p. 238, tradução nossa).

O tratamento dos dados, seguindo a AIG, considerou uma codificação indutiva desenvolvida em quatro etapas: 1) migração das respostas do segundo questionário para o ATLAS.ti e para a leitura inicial; 2) identificação e marcação de segmentos textuais com códigos semânticos a partir de novas leituras (Figura 1); 3) análise e agrupamento dos códigos por semântica para criar categorias não

redundantes; e 4) sistematização e descrição das categorias finais conforme o Quadro 2 (ver Resultados e Discussão).

Figura 1 - Ambiente de trabalho de codificação indutiva no ATLAS.ti



Fonte: captura de tela do software ATLAS.ti.

A Figura 1 exibe o *software* ATLAS.ti, que mediou a AIG. Observa-se à esquerda o documento “Considerações gerais alunos” em edição. Ao centro, um trecho textual destacado em azul, que está associado ao código “Acesso limitado” (criado pelos pesquisadores), visível à direita junto a outros códigos. Nessa interface, os dados foram codificados e agrupados nas três categorias temáticas sistematizadas no Quadro 2 da próxima seção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O perfil dos AEFFI, construído a partir do primeiro questionário, identificou um grupo de 26 discentes (10 mulheres e 16 homens), com idade média de 22 anos. A maioria (69,2%) não praticava ADEF, apontando “falta de interesse” (72,2%) como principal razão. Dos 30,8% que já praticavam ADEF, o tempo médio de adoção era de 10 meses, sendo as modalidades mais monitoradas a caminhada, a musculação e a corrida (50% cada). Desse grupo, 50% enviavam seus dados para serviços *on-line*, sendo a *Strava* a plataforma predominante, e 75% permitiam a visualização por outros usuários. Os dispositivos de autorastreamento de propriedade dos discentes eram cinco *smartwatches* (*Garmin* ou *Xiaomi*) e oito *smartphones* com aplicativos *fitness*.

Uma vez apresentado esse breve perfil dos colaboradores desta pesquisa, formaliza-se o resultado do processo de implementação do protocolo da AIG no ATLAS.ti no Quadro 2. O quadro exibe as categorias temáticas produzidas, seus descritores e os significados identificados entre os AEFFI em relação às práticas de ADEF e aos dados gerados. Ressalta-se o uso

de substantivos abstratos (em alguns casos na forma composta ou adjetivada) para indicar o significado emergente associado a cada descritor.

Quadro 2 - Significados sobre a prática de ADEF e dados plataformizados *on-line*

Categoría temática	Descritor	Significado
Prática de autorrastreamento	Permite o monitoramento preciso e contínuo de exercícios	MONITORAMENTO
	Motiva o engajamento em treinos	MOTIVAÇÃO
	Instaura um processo de autogerenciamento da saúde	AUTOGERENCIAMENTO (da saúde)
	Gera desconforto emocional em casos de comparação de desempenho em tabelas de ranqueamento	DESCONFORTO (emocional)
	Explicita o desempenho físico do usuário e faz comparativos	PERFORMANCE
	Tem custo financeiro significativo, o que impõe uma limitação de acesso e sua adoção	EXCLUSÃO (digital)
Formação profissional	Envolve questões éticas que dizem respeito à privacidade dos usuários	PRIVACIDADE
	Apresenta-se como um tema curricular a ser explorado durante a formação profissional.	OBJETO DE CONHECIMENTO
	Demanda uma integração contextualizada à formação em EF de maneira crítica e didatizada	INCORPORAÇÃO (pedagógica)
	É um objeto de pesquisa para a área da EF	OBJETO DE PESQUISA
Atuação profissional	Possibilita a avaliação/adaptação de treinos/aulas	AVALIAÇÃO (adaptativa)
	Possibilita a supervisão e o <i>feedback</i> remotos, diversificando os modos de atuação profissional	SUPERVISÃO (remota)
	Configura uma fonte de informações sobre o corpo	(BIO)REPOSITÓRIO
	Auxilia na atuação profissional em EF	RECURSO
	Apresenta-se como um tema de exploração pedagógica em aulas de EF	UNIDADE TEMÁTICA
	Pode conduzir a uma dependência dos dados digitais	DEPENDÊNCIA (digital)

Fonte: elaborado pelos pesquisadores a partir dos dados de pesquisa.

Para discutir as categorias temáticas do Quadro 2, ao analisar respostas baseadas na escala Likert, optou-se por apresentar nas subseções seguintes uma condensação numérica com a representação percentual entre parênteses, utilizando os seguintes acrônimos: 1) CPL: “concorda plenamente”; 2) CPA: “concorda parcialmente”; 3) IND: “indiferente”; 4) DPA: “discorda parcialmente”; 5) DTT: “discorda totalmente”.

Categoria temática “prática de autorrastreamento”

Esta categoria compreendeu descritores gerais atribuídos pelos AEFFI às práticas de ADEF. A análise do *corpus* nos indicou que os AEFFI compreenderam o ADEF como uma prática que: 1) permite o monitoramento preciso e contínuo de exercícios; 2) promove engajamento em treinos e, dessa forma, facilita a conscientização sobre a importância da manutenção de hábitos saudáveis; 3) instaura um processo de autogerenciamento da saúde; 4) pode gerar desconfortos emocionais nos autorrastreadores ao se considerar comparações em tabelas de ranqueamento; 5) auxilia no monitoramento do desempenho físico do usuário; e 6) tem custo financeiro significativo, o que impõe uma limitação de acesso e sua adoção.

Como primeiro descritor, os AEFFI atribuíram ao ADEF a caracterização de uma prática que propicia um “monitoramento preciso” dos treinos. A maioria (CPL: 42,9%; CPA: 42,9%; IND: 14,03%) considerou que tecnologias vestíveis (*smartwatches*) e aplicativos como o *Strava* permitem monitorar exercícios de forma precisa e contínua, sem discordâncias. Complementarmente, reconheceram a potencialidade dessas tecnologias (CPL: 71,4%; CPA: 19%; IND: 9,5%) por fornecerem informações em tempo real sobre o desempenho, expandindo as possibilidades de mensuração da vida e permitindo o monitoramento contínuo e instantâneo de aspectos biológicos quantificáveis (Neff; Nafus, 2016).

A análise também sugeriu que a disponibilização de informações sobre desempenho em tempo real, para além do aspecto informativo, pode assumir um “caráter motivador”. Essa percepção vem da constatação de que, em sua ampla maioria (CPL: 76,2%; CPA: 14,3%; IND: 9,5%), os AEFFI indicaram que a utilização de tecnologias digitais de autorrastreamento pode colaborar para aumentar o engajamento dos usuários. Esta motivação, no entanto, é complexa. Estudos com jovens mostram que *wearables* como o *Fitbit* podem, de fato, promover uma motivação inicial baseada em metas e *feedback* (Kerner; Goodyear, 2017), mas também podem induzir a uma vigilância sobre si e pelos outros, transformando a motivação intrínseca ao indivíduo em uma resposta a pressões externas e autocobranças (Goodyear; Kerner; Quennerstedt, 2019).

Os dados sistematizados ainda indicaram que essas mudanças comportamentais e a consciência sobre hábitos de exercícios físicos relacionavam-se ao “autogerenciamento da saúde”. A maioria dos colaboradores deste estudo (CPL: 47,6%; CPA: 38,1% CPA; 14,3% IND) concordou que a prática de ADEF induz maior responsabilidade com a saúde e com o condicionamento físico, de forma a promover autonomia e autogerenciamento por parte do autorrastreador. Ou seja, uma prática

de autorastreamento pode promover o desenvolvimento de uma maior consciência sobre hábitos saudáveis, assim a saúde do indivíduo como um todo pode ser favorecida. No entanto, destacam-se abaixo alguns apontamentos relacionados à possibilidade de ADEF ser uma prática geradora de desconforto emocional: 1) “Os próprios comparativos gerados e postos como positivos em primeira análise, podem se tornar negativos quando causadores de emoções ruins nos usuários, como o aspecto da inferioridade, já que cada organismo tem uma capacidade e limite diferentes do outro” (Colaboradora 1); e 2) “[...] acho que não tem muita necessidade de ter um *ranking* para competir com outras pessoas” (Colaborador 2).

Os excertos anteriores são oriundos de uma questão do segundo questionário que envolvia aspectos positivos e negativos da prática de ADEF. Nota-se que a Colaboradora 1 relatou que a forma como os dados de ADEF platformizados são estruturados numa plataforma como o *Strava* pode gerar desconfortos emocionais em seus usuários. O sentimento de “inferioridade” registrado pela Colaboradora 1 relaciona-se às tabelas de desempenho em atividades monitoradas, que estabelecem um sistema de comparação entre autorastreadores naquela plataforma de serviço *fitness*. Nessa mesma perspectiva, o Colaborador 2 considerou desnecessária a criação de tabelas de desempenho para exercícios físicos.

Evidentemente, não se pode negligenciar que os dados produzidos pelo autorastreamento corporal adquirem novos significados quando quantificados e visualizados pelos usuários.

Quando uma determinada parte do corpo está sendo monitorada de perto e seus dados visualizados e exibidos ao proprietário, essa parte do corpo adquire um novo significado. Da mesma forma, os números adquirem um novo significado e emoção, porque são elementos de medida do próprio corpo (Lupton, 2014b, p. 12, tradução nossa).

O trecho anterior reforça que os dados podem fazer emergir significados emocionais, ou seja: as informações de ADEF são passíveis de serem assumidas em uma perspectiva tanto positiva quanto negativa. Assim, a depender do caso, as práticas de dados podem se configurar como gatilhos para novas sessões monitoradas de exercícios ou como “desconfortos emocionais” para os usuários.

Entre os descritores mais relevantes identificados, destacou-se a compreensão das práticas de dados de ADEF como maneira de acompanhar e auxiliar o desenvolvimento do “desempenho físico” (14 citações em questões discursivas). Esse indicador foi considerado pelos AEFFI como um aspecto positivo na prática de ADEF e um de seus conceitos principais, conforme se observa nos dados: 1) “Acredito que o autorastreamento seja efetivo para que possamos visualizar nosso desempenho e performance” (Colaboradora 3); e 2) “Muito positivo, o fato de eu poder acompanhar em tempo real meu desenvolvimento, poder discutir o que posso fazer para melhorar” (Colaboradora 4).

As opiniões das colaboradoras 3 e 4, extraídas das questões que envolviam o conceito de autorastreamento e seus aspectos positivos e negativos, direcionam o desempenho físico para seu âmbito de comparação de resultados em treinos monitorados, consigo mesmas e com outros usuários. Nesse enredo, assumiu-se que o acompanhamento analítico dos dados de ADEF possibilita o aprimoramento de uma consciência corporal e, ao mesmo tempo, uma adequação de hábitos saudáveis que podem contribuir para a melhoria de resultados nos treinos.

Assim, por exemplo, o aplicativo e plataforma de corrida e ciclismo *Strava* usam os dados [...] de uma série de dispositivos GPS [...] compatíveis. Depois que uma corrida ou passeio de bicicleta é concluído, os usuários podem fazer o *upload* dos detalhes de sua rota para quantificar e analisar seu desempenho. Uma característica importante do *software* é a oportunidade que oferece aos usuários para comparar seus desempenhos uns com os outros, no que o site *Strava* descreve como 'aptidão social - conectar e competir uns com os outros através de aplicativos móveis e *on-line*' (Lupton, 2016b, p. 12, tradução nossa).

O excerto acima elucida sobre a forma como a plataforma *Strava* gera dados comparativos após a realização das atividades monitoradas. Além das comparações que a plataforma oferece, a autora ressalta que, ao utilizar esses métodos comparativos, o usuário está sujeito a entrar no âmbito da competitividade, que pode ser saudável ou não. Essa estratégia das plataformas em relação aos seus usuários acaba por elucidar que a prática de autorastreamento, embora inicialmente remeta a uma dimensão pessoal, também promove uma formação de significados socialmente enculturados (Lupton, 2014a).

Dois outros indicadores constatados junto ao grupo colaborador dizem respeito à “dificuldade de acesso aos dispositivos digitais de autorastreamento” e à “conexão à internet”. É importante reiterar que o público participante deste estudo foi formado por acadêmicos de EF de uma universidade pública brasileira e que, em sua heterogeneidade socioeconômica, percebeu-se que o custo dos dispositivos digitais é um fator limitante para a ampla adoção do ADEF dentro e fora do ambiente acadêmico, o que implica “exclusão digital”. Para além da barreira econômica, nesse ponto é crucial problematizar a própria lógica de funcionamento dessas tecnologias. A platformização inerente aos dados de tecnologias vestíveis transforma as práticas corporais em fontes de informações passíveis de monetização no mercado. Como alerta Araújo (2025), estamos diante de uma “hiperconexão” em nome de um estilo de vida saudável que cria uma relação ambígua, na qual a busca pela saúde pode mascarar a vigilância corporativa e a comercialização da intimidade corporal.

Categoria temática “formação profissional”

Essa categoria evidenciou descritores associados à formação profissional em EF e suas relações com o ADEF. Os dados empíricos produzidos pelos AEFFI indicaram que a temática do ADEF: 1) envolve questões éticas que dizem respeito à privacidade dos usuários; 2) poderia ser assumida como um objeto de conhecimento a ser explorado durante a formação profissional em EF; 3) demanda uma integração contextualizada à formação profissional em EF de maneira crítica e didatizada; e 4) pode ser considerada como um objeto de pesquisas para a área da EF.

O compartilhamento e o tratamento de informações em plataformas digitais envolvem questões de segurança, privacidade e propriedade de dados, exigindo maior consciência dos usuários sobre o uso de seus dados pessoais. Lupton (2016b, p. 46, tradução nossa) ressalta que “a coleta de dados pessoais agora não é apenas um modo de imperativos consensuais e impulsionados individualmente para a automelhoria, mas também um elemento de lucratividade comercial (às vezes ilegal), monitoramento populacional e governança”. Perspectiva compartilhada por Lima (2023a), que problematiza os aspectos éticos dessas práticas comerciais derivadas da coleta e da partilha de dados com terceiros.

A sistematização do *corpus* apontou considerações éticas dos discentes sobre a “privacidade” no ADEF. A maioria (CPL: 61,9%; CPA: 28,6%; IND: 9,5%) concordou ser crucial valorizar discussões sobre produção e segurança de dados ao incorporar tecnologias de autorastreamento no ensino. As apreensões dos AEFFI ecoam indicadores de pesquisas com estudantes de Educação Física e Saúde, que percebem a digitalização de dados de atividade física como um sistema de vigilância. Fica sugerido que eles se reconhecem – simultaneamente – como produtores e consumidores de dados (*prosumers*), evidenciando tensões entre a personalização do cuidado e a perda de controle sobre a privacidade (Pang *et al.*, 2019). Para isso, os AEFFI julgaram necessária a inclusão em sua formação de debates sobre propriedade, segurança e privacidade de dados de tecnologias vestíveis ou móveis (CPL: 76,2%; CPA: 14,3%; IND: 9,5%). Além disso, a maioria (CPL: 57,1%; CPA: 33,3%; IND: 9,5%) considerou que a construção de um espaço de discussão sobre ADEF fornecerá ao profissional de Educação Física elementos para interpretar e utilizar dados digitais de forma eficaz e crítica.

A exploração da temática do autorastreamento plataformaizado durante a formação inicial de acadêmicos de EF exige a consideração de aspectos cruciais dessa área do conhecimento. A EF se dedica à cultura corporal³, a qual manifesta-se através da motricidade, dos gestos, da comunicação e

³ Foi adotada a obra de Soares (1992) para abordar alguns aspectos da Educação Física. Reconhece-se que há limitações em sua perspectiva, considerando a existência de outros autores, estudos e concepções sobre o tema, como a de Kunz (2004), que utiliza ‘cultura de movimento’, destacando o ‘se-movimentar’.

da linguagem por meio de práticas corporais, como esportes, lutas, jogos, danças e outras atividades. Como enfatizam Soares *et al.* (1992, p. 41), no contexto pedagógico, a Educação Física “[...] tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal”.

Nesse contexto, ao reconhecer a cultura corporal como uma via de produção de significados e de linguagem, entende-se que o professor de EF precisa saber problematizar, com criticidade, as diversas materialidades que integram as práticas corporais. Esse exercício crítico é fundamental para uma leitura aprofundada da realidade social, política, econômica, cultural e científica. Assim, considerando o papel essencial do professor de EF e o fato de que nossas vidas são cada vez mais mediadas por TDs, torna-se imperativo compreender o ADEF e sua interface com a EF. Isso é necessário para se fomentar consciência crítica acerca das implicações decorrentes do binômio corpo-tecnologia na cultura digital.

Ainda nesse constructo, destaca-se que um dos AEFFI sinalizou que “o maior ponto negativo [das práticas de dados baseadas em ADEF] é, com certeza, a privacidade. Dados compartilhados em rede [...] [sugerem possuir] mais donos [...] além do usuário [produtor], [o que] é algo preocupante e até assustador” (Colaborador 6). Essa contribuição do Colaborador 6 explicita sua apreensão em relação aos dados produzidos pelo usuário ao monitorar seus exercícios físicos, afinal “[...] nossa privacidade é mais facilmente violada quando há mais dados sobre nós circulando” (Neff; Nafus, 2016, p. 37, tradução nossa).

Considerando o recorte específico da plataforma *Strava*, surge o questionamento: quem é o legítimo proprietário dos dados do ADEF platformizados? Nos termos de serviço e na política de privacidade daquele serviço, não há garantia ao usuário quanto à posse exclusiva ou à privacidade sobre seus dados platformizados. Logo, é justo admitir que “um conjunto ‘agregado de informações’ pode ser ‘negociado com’ e ‘utilizado por’ parceiros da *Strava* para o direcionamento de estratégias comerciais com base em perfis que atendam a determinados filtros (peso, idade, sexo etc.)” (Lima, 2023a, p. 10). Nesse sentido, alerta-se que os dados dos usuários podem ser disponibilizados a interessados (clientes comerciais) e utilizados com pretensões financeiras.

Inegavelmente, ao se tratar da prática de ADEF, é necessário atentar para alguns pontos que vão além do acesso a dados quantitativos sobre exercícios físicos. Esses aspectos encontram lugar em questões críticas da cultura digital contemporânea tais como a platformização e a dataficação. Reitera-se que esses métodos de captura e tratamento de dados são operacionalizados de maneira tal que, nas interações com as plataformas digitais, os usuários ficam sujeitos ao direcionamento de publicidade compatível com seus perfis e, não menos, à modulação de seus gostos e comportamentos. Em outros termos, é preciso estar alerta à lógica de uma economia de dados (Véliz, 2021) que se

baseia na comercialização de informações pessoais, pois vivenciamos uma “[...] nova ordem econômica que reivindica a experiência humana como matéria-prima gratuita para práticas comerciais dissimuladas de extração, previsão e vendas” (Zuboff, 2021, p. 7).

Diante disso, a análise dos dados empíricos também destacou como o grupo pensaria uma “formação crítica” articulada ao ADEF. Em sua ampla maioria (CPL: 76,2%; CPA: 9,5%; IND: 14,3%), os AEFFI concordaram que as problematizações envolvendo as práticas de ADEF podem favorecer o uso responsável e crítico de tecnologias digitais de autorastreamento. Tudo isso acontece de maneira a despertar consciência sobre questões relativas à privacidade dos dados dos usuários dessas tecnologias, conforme relata o Colaborador 6: “a partir da minha experiência e com aprendizados nas aulas, manifestei uma conduta mais crítica referente [aos] dispositivos [digitais para ADEF]”.

A necessidade de “integração de tecnologias vestíveis e aplicativos *fitness* no estudo das práticas corporais” também foi sinalizada como significativa à formação do professor de EF (CPL: 42,9%; CPA: 42,9%; IND: 14,3%). Na visão dos AEFFI, a inclusão desses dispositivos permitiria melhor compreensão das práticas corporais e seu aprimoramento criativo na contemporaneidade.

Na mesma direção, para os acadêmicos colaboradores (CPL: 47,6%; CPA: 33,3%; IND: 19%), a formação em EF precisa fomentar momentos que favoreçam o “aprendizado de como analisar e interpretar os dados gerados por dispositivos vestíveis e ou aplicativos *fitness*”. Isso seria fundamental para que futuros profissionais possam compreender como extrair informações sobre o desempenho físico. Entretanto, para a maior parte do grupo (CPL: 71,4%; CPA: 19%; IND: 9,5%), isso exigiria um equilíbrio entre a incorporação de tecnologias e outras práticas, demandando que professores entendam por que, quando e como incorporar essas TDs no ensino. Esse conjunto de evidências indica que a articulação do ADEF com a EF configura-se como um “objeto de conhecimento” a ser explorado na formação profissional.

Nessa perspectiva, as práticas de ADEF exigiriam uma “incorporação pedagógica” voltada à formação do professor de EF. Isso ocorre porque os AEFFI reconheceram (CPL: 57,1%; CPA: 23,8%; IND: 19%) que poderão incluir o trabalho com aplicativos *fitness* e dispositivos vestíveis em suas aulas de EF, tornando as atividades mais envolventes e conectadas com a realidade dos alunos. Essa incorporação, no entanto, deve ser necessariamente acompanhada de uma reflexão sobre os limites éticos dessa mediação. O futuro profissional precisa estar apto, por exemplo, a discutir o que Araújo (2025) chama de “hiperconexão em tempos de tecnologias de estilo de vida saudável”, ponderando criticamente as relações entre saúde, privacidade de dados e educação e compreendendo como a plataformização de dados produzidos por *wearables* redefine as próprias práticas corporais. Do mesmo modo, também é preciso fomentar o desenvolvimento de competências digitais que

transcendam a operacionalidade, o que amplia a compreensão sobre os desafios da plataformação (Araújo; Ovens; Knijnik, 2023).

Por fim, outro indicador evidenciado contempla a relação da prática de ADEF com novas possibilidades de investigações acadêmicas, ou seja, como um “objeto de pesquisa” da área de EF. O grupo concordou (CPL:71,4%; CPA: 9,5%; IND: 19%) que as práticas de ADEF podem alimentar pesquisas acadêmicas na área de EF, por possibilitarem uma compreensão mais profunda da temática, conforme relata o Colaborador 7: “[essa temática do ADEF] amplia a visão para uma nova maneira de trabalho e estudo na área da Educação Física”.

Nesse âmbito, é preponderante considerar a emergência de questões de interesse que, entre outras, explorem: 1) as motivações que levam as pessoas a fazerem ADEF; 2) os desdobramentos das análises de dados de ADEF na esfera pessoal e coletiva; 3) os *gadgets* de autorastreamento e seus gatilhos motivacionais para a produção de dados sobre o corpo que assumem valor financeiro na cultura digital; 4) a formação de agrupamentos de autorastreadores e as práticas produzidas; 5) a atuação dos professores de EF em situações de ensino envolvendo *gadgets* de autorastreamento de exercícios físicos; 6) o exercício profissional em EF a partir da análise de dados de ADEF; 7) o aprofundamento de problematizações da cultura corporal tensionadas ao autorastreamento digital.

Categoria temática “atuação profissional”

Essa categoria apreende os dados empíricos produzidos pelos AEFFI com relação à atuação profissional em EF e suas relações com a prática de ADEF. Em termos gerais, a análise do *corpus* indiciou que a prática de ADEF: 1) possibilita a adaptação de treinos/aulas a partir da avaliação dos dados monitorados; 2) permite a supervisão e o *feedback* remotos, diversificando os modos de atuação profissional; 3) configura-se como uma fonte de informação para acesso de dados sobre o corpo; 4) auxilia na atuação profissional em EF; 5) apresenta-se como uma unidade temática a ser trabalhada nas aulas de EF; e 6) pode conduzir a uma dependência dos dados digitais.

Um primeiro marcador produzido pelo grupo de AEFFI indicou a possibilidade de “avaliação adaptativa” proporcionada pelos dados de ADEF. O grupo concorda, em sua maioria (CPL: 71,4%; CPA: 19%; IND: 9,5%), que os professores e os bacharéis em EF podem usar as informações de autorastreamento de exercícios físicos para avaliar o progresso e adaptar os treinamentos dos alunos de acordo com as necessidades individuais. Para a maior parte do grupo (CPL: 47,6%; CPA: 33,3%; IND: 19%), essas informações podem, inclusive, ajudar o profissional a olhar para seus alunos de maneira mais ampla, elaborando estratégias para melhorar a técnica, corrigir erros etc.

O grupo considerou (CPL: 52,4%; CPA: 23,8%; IND: 23,8%) que os dados gerados no ADEF permitem a personalização de treinos, opinião reforçada pela Colaboradora 1, que destacou sua contribuição para “a confecção de um treino que melhor [atendesse] às necessidades relativas às informações coletadas”. Além dessa adaptação, os dados sugeriram a oportunidade de “supervisão remota”, com o grupo concordando (CPL: 71,4%; CPA: 14,3%; IND: 14,3%) que profissionais podem acompanhar o progresso de alunos a distância, de modo a ampliar as formas de atuação – como um professor que, mediado por recursos digitais, acompanhe treinos de corredores em outra cidade, por meio da oferta de assessoria esportiva remota baseada em ADEF.

Ao considerar que os indicadores de “avaliação adaptativa” e “supervisão remota” de exercícios físicos são decorrentes do ADEF, nota-se que o híbrido corpo-tecnologia pode sustentar e fomentar uma crença nos dados quantitativos (Van Dijck, 2014). Isso torna perceptível a emergência de significados pautados na assistência de objetos técnicos, os quais expandem as capacidades do fazer. Tudo isso é ampliado com base nas premissas de precisão, de formação de memória de dados e de possibilidade de interpretação de informações de maneira aprimorada.

Nesse cenário, após ser perguntado sobre o conceito de ADEF, o grupo apresentou concordância de que os dados gerados nessa prática podem ser vistos como uma “fonte de informações” sobre o corpo e sobre as métricas de exercícios físicos: 1) “O autorastreamento ajuda muito nas atividades físicas, proporcionado controle e mais conhecimento” (Colaboradora 9); e 2) “Meu conceito de autorastreamento digital de exercícios físicos consiste em se ‘mapear’ de acordo com as atividades praticadas por nós, em quesitos, por exemplo: calorias queimadas, frequência cardíaca, distância percorrida (em caso de corridas) e tempo que o exercício foi praticado” (Colaborador 5).

Considerando as falas dos colaboradores 9 e 5, a prática de ADEF apresenta-se como geradora de informações diversas, que podem levar a reflexões sobre o corpo, sobre os treinos e sobre seus espaços de realização, entre outros aspectos. Entretanto, se inicialmente se destaca a produção de (bio)dados, é inegável que esse “(bio)repositório” pode fomentar a busca por novos conhecimentos e percepções sobre o corpo e sobre a personalidade do indivíduo que os produz. Ou seja, os dispositivos digitais: “são incorporados em nossas rotinas diárias, emaranhados com nosso senso de identidade, nossa experiência de incorporação, nossa aquisição de conhecimento, construção de significado e nossas relações sociais” (Lupton, 2016b, p. 20, tradução nossa).

Nota-se que a prática do ADEF se desdobra na construção de conhecimentos, entrelaçando a produção de informações com o corpo. Evidencia-se que as tecnologias digitais de autorastreamento associam-se a múltiplas dimensões do cotidiano, com isso afetam rotinas, constituem identidades e experiências e potencializam processos de aprendizado. Sob uma visão sociomaterial e cultural, tais

dispositivos integram-se à nossa constituição, tipificando-nos como seres humanos híbridos e indiciando quem somos e como experienciamos o mundo (Lima, 2023b). Contudo, ao serem introduzidas no contexto escolar, essas mesmas tecnologias podem instaurar novas formas de vigilância pedagógica, nas quais o corpo e o desempenho dos alunos passam a ser constantemente mensurados e rastreados (Fonseca *et al.*, 2020).

Em outro momento de análise dos dados empíricos, identificou-se o ADEF como “um recurso para atuação profissional”, ou seja, um meio que pode auxiliar o profissional de EF em suas diversas atividades: 1) “Acho esse mecanismo válido e necessário para as intervenções na prática profissional” (Colaborador 10); e 2) “O que mais me chamou atenção foi esse novo conhecimento de autorastreamento e todo o potencial para ajudar os profissionais da educação e os alunos” (Colaborador 11).

Nos comentários anteriores, os colaboradores, após serem questionados sobre o conceito de autorastreamento e sobre seus aspectos, ressaltaram a possibilidade de sua incorporação à atuação profissional e em sua formação. A Colaboradora 12 ressaltou ainda a possibilidade de “[incorporar tecnologias digitais de autorastreamento] para didática em aula”. O comentário anterior coloca em evidência outro indicador sugerido pelo grupo e que assume a prática de ADEF como um tópico de exploração pedagógica.

Nessa perspectiva, o ADEF poderia ser discutido com os alunos nas aulas de EF e envolveria: 1) sua utilização em situações de treinos; 2) o histórico e os conceitos pertinentes; 3) os desdobramentos na construção de reflexões sobre o corpo e sua rotina de movimento; e 4) os vieses interpostos pela plataformação de dados, entre outros. Esses quesitos integraram os excertos a seguir, os quais são oriundos das opiniões dos AEFFI e são referentes às estratégias de integração das tecnologias de autorastreamento em aulas de EF: 1) “Acredito que seria importante uma aula teórica para a explicação [do] conceito [de autorastreamento digital]” (Colaboradora 8); 2) “Além da prática para analisar como os aplicativos de autorastreamento funcionam, se faz necessário entender suas nuances e seus malefícios para a privacidade humana” (Colaborador 13); e 3) “Inicialmente a análise do que os alunos de fato desejam. [...] Após isso resta salientar e conscientizar as vantagens, assim como desvantagens do autorastreamento para o aluno e deixar que a ele caiba a escolha de seu uso ou não” (Colaboradora 1).

Como visto, os colaboradores enfatizaram a importância das problematizações pertinentes ao autorastreamento digital, como uma “unidade temática” para as aulas de EF, que transcende a produção de informações quantitativas. Considera-se a complexidade das discussões da área, que se articulam com a formação de significados e exigem uma visão crítica sobre a propriedade dos dados gerados, sobre a privacidade dos usuários, entre outros aspectos.

Por fim, uma última evidência produzida pelo grupo chama atenção para uma possível “dependência dos dados digitais” à qual um profissional de EF pode se sujeitar. Para os AEFFI (CPL: 33,3%; CPA: 28,6%; IND: 23,8; DPA: 9,5%), a questão da dependência de dados digitais para atuação profissional não pode ser ignorada. Uma inquietação que pode derivar daí foi mencionada pela Colaboradora 14: “[ao discutirmos ADEF] muitas coisas me deixaram bem assustadas, como a forma que a tecnologia participa da nossa vida, até quando não temos a consciência disso” (Colaboradora 14). Esse alerta vai ao encontro de estudos que mostram como jovens podem desenvolver uma relação de dependência com os *wearables*, na qual a validação da prática corporal é dependente da métrica digital (Kerner; Goodyear, 2017; Goodyear *et al.*, 2019). A visão crítica demonstrada pelos AEFFI – a partir da experiência dessa pesquisa – é um contraponto fundamental à narrativa não-problemática da tecnologia e um primeiro passo para uma atuação profissional que incorpora tais recursos sem se subjugar a eles, mostrando-se consciente dos processos de vigilância e *prosumption* inerentes (Pang *et al.*, 2019).

Assume-se, portanto, que a incorporação de tecnologias digitais em qualquer segmento da vida precisa considerar tanto aspectos benéficos quanto críticos. Se o ADEF provê vias para autoconhecimento e melhoria pessoal, isso deve ser assumido proativamente, mas também com atenção aos vieses derivados da produção de dados corporais, de forma a exigir privacidade, segurança e propriedade efetiva dos dados gerados.

CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalho, reitera-se que o autorastreamento enreda o *modus vivendi* contemporâneo, fazendo-se presente no cotidiano a partir de sua mediação pelas tecnologias digitais, o que produz dados, implica significados e afeta comportamentos. Entretanto, o debate sobre a prática de ADEF ainda é pouco difundido no campo da EF, situação que compromete o aprofundamento de conceitos, a problematização de vieses e a correta interpretação das informações geradas. Portanto, é essencial que as discussões sobre o binômio corpo-tecnologia e seus desdobramentos sejam integradas e aprofundadas pela EF a fim de enfrentar seus múltiplos desafios e avançar na compreensão dessa temática.

A análise indicou que a prática de ADEF produz dados que afetam a visualização, a compreensão e a comunicação do/sobre o corpo. No entanto, essa relação recíproca de afetações entre corpo e tecnologia mostrou-se não totalmente transparente para os usuários. Quanto à atuação em EF, compreendeu-se que o ADEF é mais oportuno e melhor conduzido com auxílio profissional, pois –

como recurso para avaliação física – o acompanhamento pode estabelecer relações entre aluno, dados e professor, viabilizando um melhor direcionamento dos exercícios. Acredita-se, portanto, que isso pode levar à construção de conhecimentos e à consciência corporal na cultura digital, de modo a transcender a performance física e a considerar os vieses inerentes às práticas de dados plataformaizadas.

Finalmente, assume-se que a incorporação do ADEF na Educação Física exige tratamento crítico para não mascarar desafios como dataficação e modulação comportamental. Deve-se considerar que aplicativos como o *Strava* podem afetar a autoestima dos usuários e que os dados gerados, embora precisos, nem sempre são compreendidos como informações sensíveis, podendo ser monetizados por interesses comerciais de terceiros. Reconhece-se que o movimentar e o autorastrear expandiram-se pela mediação digital, com isso surge a exigência de que a EF integre o ADEF como objeto de ensino e pesquisa. Reafirma-se a necessidade de novos estudos para compreender os significados, os limites, as potencialidades e os desafios do ADEF em relação ao corpo e suas formas de expressão e comunicação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Allyson Carvalho. Hiperconexão em tempos de tecnologias de estilo de vida saudável: relações entre saúde, privacidade de dados e educação. **Movimento**, [s. l.], p. e31005–e31005, 2025. Disponível em: <https://abrir.link/lQyLy>. Acesso em: 11 jul. 2025.

ARAÚJO, Allyson Carvalho de; OVENS, Alan; KNIJNIK, Jorge. Developing digital competency in HPETE: a heuristic for and analysis of three programs in the Southern Hemisphere. **Curriculum Studies in Health and Physical Education**, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 143–160, 2023. Disponível em: <https://abrir.link/wdhTU>. Acesso em: 5 out. 2025.

FONSECA, Fábio Batista da *et al.* Educação física escolar, tecnologias digitais e saúde: incursões exploratórias pela literatura. **Motrivivência**, [s. l.], v. 32, n. 63, p. 01–18, 2020. Disponível em: <https://abrir.link/hbnSf>. Acesso em: 5 out. 2025.

GOODYEAR, Victoria Anne; KERNER, Charlotte; QUENNERSTEDT, Mikael. Young people's uses of wearable healthy lifestyle technologies; surveillance, self-surveillance and resistance. **Sport, Education and Society**, [s. l.], v. 24, n. 3, p. 212–225, 2019. Disponível em: <https://abrir.link/MBcKi>. Acesso em: 5 out. 2025.

KERNER, Charlotte; GOODYEAR, Victoria Anne. The Motivational Impact of Wearable Healthy Lifestyle Technologies: A Self-determination Perspective on Fitbits With Adolescents. **American Journal of Health Education**, [s. l.], v. 48, n. 5, p. 287–297, 2017. Disponível em: <https://abrir.link/nVNYo>. Acesso em: 5 out. 2025.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático pedagógica do esporte**. 6. ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2004.

LEMOS, André. Plataformas, dataficação e performatividade algorítmica (PDPA): Desafios atuais da cibercultura. In: PRATA, Nair; SONIA, Pessoa (org.). **Fluxos Comunicacionais e Crise da Democracia**. São Paulo: Intercom, 2020. p. 117–226. Disponível em: <https://l1nq.com/akgEL>. Acesso em: 21 out. 2021.

LIMA, Marcio Roberto de. Autorastreamento de exercícios físicos: prática de dados na plataforma Strava. **Motrivivência**, [s. l.], v. 35, n. 66, p. 1–18, 2023a. Disponível em: <https://abrir.link/Mhkyq>. Acesso em: 24 maio 2024.

LIMA, Marcio Roberto de. Corpo afetado: uma experiência de autorastreamento com uma tecnologia vestível. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s. l.], v. 45, p. e20230055, 2023b. Disponível em: <https://enqr.pw/jW8jk>. Acesso em: 27 nov. 2023.

LUPTON, Deborah. Personal Data Practices in the Age of Lively Data. In: DANIELS, Jessie; GREGORY, Karen; COTTON, Tressie McMillan (ed.). **Digital sociologies**. Bristol: Policy Press, 2016a. p. 335–350.

LUPTON, Deborah. Self-tracking cultures: towards a sociology of personal informatics. In: AUSTRALIAN COMPUTER-HUMAN INTERACTION CONFERENCE ON DESIGNING FUTURES: THE FUTURE OF DESIGN. 26., 2014a, Sydney. **Anais [...]**. Sydney: ACM, 2014. p. 77–86. Disponível em: <https://shre.ink/aymz>. Acesso em: 11 nov. 2022.

LUPTON, Deborah. **The quantified self**: a sociology of self-tracking. Cambridge, UK: Polity, 2016b.

LUPTON, Deborah. You are Your Data: Self-tracking Practices and Concepts of Data. In: SELKE, Stefan (org.). **Lifelogging: Teoretical Approaches and Case Studies about Self-tracking**. Wiesbaden: Springer Fachmedien Wiesbaden, 2014b. p. 1–18. Disponível em: tinyurl.com/3s4svyw9. Acesso em: 2 fev. 2023.

MAYER-SCHÖNBERGER, Viktor; CUKIER, Kenneth. **Big data**: a revolution that will transform how we live, work, and think. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2013.

NEFF, Gina; NAFUS, Dawn. **Self-tracking**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2016. (The MIT Press essential knowledge series).

PANG, Bonnie; VAREA, Valeria; CAVALLIN, Sarah; CUPAC, Alexia. Experiencing risk, surveillance, and prosumption: health and physical education students' perceptions of digitised health and physical activity data. **Sport, Education and Society**, [s. l.], v. 24, n. 8, p. 801–813, 2019. Disponível em: <https://abrir.link/PgcLG>. Acesso em: 5 out. 2025.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. **Fronteiras - estudos midiáticos**, [s. l.], v. 22, n. 1, p. 2–10, 2020. Disponível em: <https://shre.ink/aymb>. Acesso em: 16 set. 2020.

SOARES, Carmen et al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

THOMAS, David. A General Inductive Approach for Analyzing Qualitative Evaluation Data. **American Journal of Evaluation**, [s. l.], v. 27, n. 2, p. 237–246, 2006. Disponível em: <https://abre.ai/hu7m>. Acesso em: 13 out. 2022.

VAN DIJCK, José. Datafication, dataism and dataveillance: Big Data between scientific paradigm and ideology. **Surveillance & Society**, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 197–208, 2014. Disponível em: <https://shre.ink/ayJ2>. Acesso em: 11 jan. 2021.

VÉLIZ, Carissa. **Privacidade é poder**: por que e como você deve ira retormar o controle de seus dados. São Paulo: Editora Contracorrente, 2021.

YIN, Robert. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2021.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais pelo financiamento da pesquisa e pela bolsa de Iniciação Científica recebida; à Universidade Federal de São João del-Rei pelo apoio na realização do estudo.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica

FINANCIAMENTO

Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (Processo APQ-00755-22 - Demanda Universal).

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Essa pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSJ sob o parecer de número 6.410.07 de 06/10/2023 (CAEE 45393621.3.0000.5151 na Plataforma Brasil).

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Juliano Silveira

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

HISTÓRICO

Recebido em: 20/08/2025

Aprovado em: 02/11/2025